

Ex. 2439/21

569



UNIVERSIDADE DE LISBOA



Discursos proferidos
no acto de posse
do Director da
Faculdade de Ciências
e dos Subdirectores das
Faculdades de Letras
e de Ciências

LISBOA 1972

Professor Doutor Fernando Carvalho Barreira
Reitor da Universidade de Lisboa

Discurso proferido no acto de posse
do Director da Faculdade de Ciências
Professor Doutor António Almeida Costa,
do Subdirector da Faculdade de Letras
Professor Doutor Francisco José da Gama Caeiro
e do Subdirector da Faculdade de Ciências
Professor Doutor José Francisco Gomes Ferreira
em 17 de Março de 1972

Inicia-se hoje um novo ciclo na vida da Universidade de Lisboa. Pela primeira vez foram designados e entram em funções subdirectores para duas das suas faculdades.

Não deverá encarar-se o facto como o mero cumprimento de um acto de rotina administrativa; mas melhor entendido será como o resultado do reconhecimento da importância e da complexidade das múltiplas tarefas que às direcções das faculdades incumbem. Fácil será constatar que numa universidade com mais de 17 000 estudantes, onde algumas faculdades têm frequências superiores à grande maioria das universidades europeias, a direcção dessas unidades estruturais não pode, materialmente, ser assegurada por uma única pessoa, por maiores que sejam a sua capacidade de realização e o seu espírito de dedicação. De acordo com um salutar espírito de administração, é notório que os problemas terão de ser resolvidos ao nível a que se manifestam. Tanto impõe uma descentralização racional, que será a única capaz de evitar a simples condução dos problemas para níveis superiores, que lhes são, necessariamente, menos sensíveis e estão menos informados para a correcta resolução.

Terão, agora, os directores destas duas faculdades quem consigo colabore, de forma permanente,

com perfeito conhecimento dos problemas e quem os possa substituir, nos seus impedimentos, sem descontinuidades, com que não se compadecem os interesses e o eficiente funcionamento das escolas. A experiência vai realizar-se e não é necessário grande optimismo, para prever que os resultados serão positivos. Bom seria que esses resultados encorajassem a generalização do principio às outras faculdades.

Foi das nossas primeiras preocupações, ao ocupar este lugar, que a Universidade de Lisboa dispusesse de dois vice-reitores.

Mesmo assim, não tem sido possível dar execução material a todo um plano de iniciativas, que desejariamos ter visto realizado, tantas são as tarefas impostas pelo simples funcionamento da instituição e pela imperiosa reorganização de estruturas e métodos de trabalho.

Para se ter uma ideia do crescimento desta universidade, nos últimos anos, basta reparar que no ano escolar de 1966-67 o número de alunos era de 11 100, enquanto 17 500 a frequentam, no presente ano lectivo. O número de docentes, de todas as categorias, atinge hoje 564, acrescidos de 120 monitores, enquanto, há cinco anos, eram só 360. Para se avaliar do movimento dos serviços administrativos da reitoria, julgo ser suficiente

referir que no ano de 1971 se emitiram 8700 officios e que só o Serviço de Expediente Geral passou 12 800 certidões, não incluindo as que se destinam a efeitos militares e de abono de família. É regra, de que a universidade não constitui excepção, ser o crescimento das instituições acompanhado de um aumento mais sensível, ainda, no que respeita à sua complexidade e dificuldade de interligação. Os órgãos de direcção e planeamento são solicitados para tarefas cada vez mais complexas, que têm, necessariamente, de cumprir, a menos que se limitem a ser testemunhas passivas do lento mas inexorável caminho para um caos pseudo-organizado.

Nunca nos conformariamos com esta última situação, mas também não estamos dispostos a ficar limitados à simples restrição da sua não consecussão.

É necessário que algo de novo se realize, que novas iniciativas tomem forma, sacrificando-se, se necessário, algumas que se reconheça serem obsoletas.

A universidade tem de estar permanentemente informada por um espírito renovador, que se não circunscreve, necessariamente, aos aspectos culturais e científicos, mas que é denominador commum de todos os actos que a integram.

Vale a pena fazer tentativas inovadoras, em todos os sentidos, mesmo que os seus resultados possam oferecer algumas dúvidas. Experiências menos positivas têm, pelo menos, a virtude de nos revelarem caminhos em que não será aconselhável insistir.

Certo é, porém, que esta atitude, própria de uma instituição que se impõe uma posição na fronteira do conhecimento, no mais amplo sentido, não deve impedir a segura observação do presente e a atenta reflexão sobre a experiência vivida.

Não foi impunemente que outros, conosco e antes de nós, tentaram experiências, abandonando caminhos inúteis e prosseguindo noutros que se revelaram mais seguros e frutíferos.

A análise do funcionamento das instituições universitárias fornece valiosos elementos para a definição dos sectores onde é aconselhável introduzir inovações e, também, daqueles que não seria prudente modificar muito, sem se correr o risco de atingir os princípios básicos e os próprios conceitos definidores da instituição.

Há uma evolução necessária. A universidade da era das viagens interplanetárias não pode ser, nem é, a mesma de épocas históricas anteriores, por vezes não muito distanciadas no tempo, mas fortemente diferenciadas pelos conceitos.

Continua a ser, no entanto, a instituição por excelência, que tem por missões o desenvolvimento do conhecimento e a sua transmissão a nível superior. Limitá-la a um destes aspectos é negar-lhe o seu carácter, porque, além do mais, são indissociáveis.

Tomaram as universidades dimensões tais, quer pelo número dos que as frequentam quer pela diversidade dos assuntos que nelas se estudam, que não podem deixar de estar estruturadas em unidades menores. São hoje as faculdades, com as suas secções e grupos, como serão, amanhã, os departamentos e institutos.

As faculdades constituem a primeira divisão estrutural da universidade, sendo sobre elas que as situações referidas têm reflexão imediata e, por isso, se espera das direcções alta capacidade de realização e planeamento.

É motivo bastante para nos congratularmos o ficarem, a partir de hoje, pela existência de subdirectores, duas das faculdades melhor habilitadas para o cumprimento destes imperativos.

Aos conselhos escolares cabe, iniludivelmente, por lei e por consenso indiscutível, o estabelecimento das normas orientadoras das faculdades, mas facilmente se compreende a necessidade de um corpo executivo, tecnicamente comprometido,

a quem fiquem cometidas a realização e concretização das orientações fixadas pelos órgãos colegiais.

Vai a direcção da Faculdade de Ciências ficar entregue ao Prof. Almeida Costa, que já dela teve experiência, numa situação de interinidade. A sua dedicação às tarefas universitárias, a sua competência científica e a sua probidade de homem de bem são garantias do acerto na escolha. Bem sabemos quanto lhe custa deixar as funções de professor bibliotecário, pois na reorganização da biblioteca vinha pondo o melhor da sua atenção e do seu esforço. Terá, agora, um campo ainda mais vasto para servir a sua faculdade, em fase de adaptação à nova estrutura dos cursos e quando se comecem a tomar iniciativas concretas para uma total reestruturação e para a instalação em condições que lhe permitam desempenhar cabalmente as suas funções.

A seu lado, e como colaborador directo, terá o Prof. Gomes Ferreira. Nele não sabemos distinguir entre o professor que admiramos, além do mais, pela obra já realizada na direcção do Laboratório de Física, e o companheiro que fomos, estudantes ambos da mesma licenciatura, nos tem-

pos incertos em que nos interrogávamos sobre o que significava ser licenciado em Ciências Físico-Químicas. Mais tarde, ainda os nossos caminharos foram muito paralelos, sofrendo as mesmas angústias, comungando nas mesmas interrogações, mas acreditando sempre que era possível fazer investigação e colaborar integralmente na universidade.

Em relação ao Prof. Gama Caeiro, quase somos levados a acreditar num longo paralelismo impessoal. O nosso conhecimento é recente; mas os primeiros contactos revelaram logo uma tal concordância de pontos de vista, que mais parecia há muito os vínhamos desenvolvendo e discutindo. Desses contactos colhi a certeza de que a Faculdade de Letras vai passar a ter, ao lado do seu director, em estreita colaboração, um novo elemento altamente qualificado e apto, pela sua dedicação e acerto, a produzir trabalho extremamente válido em relação aos problemas universitários.

Reuniram-se, neste mesmo acto, as três posses, envolvendo dirigentes das Faculdades de Letras e Ciências, em consonância com o espírito comunitário e universal que é essência e contexto de

uma universidade, motivada por todos os ramos do conhecimento e pelas suas mútuas implicações. Se as diferentes faculdades são divisões estruturais necessárias, por força das dimensões da universidade e da técnica específica a empregar na realização concreta dos diferentes objectivos sectoriais, não se oferece razão válida para que se não utilizem, como sinais de universalidade, todos os actos em que seja possível reunir as diferentes faculdades, numa atitude de mútua cooperação, na consecução de superiores objectivos comuns.

A entrada em funções de novos elementos directivos numa das escolas é facto que não deve ser alheio às restantes, pois que todos estamos empenhados numa tarefa comum, que pela sua magnitude e transcendência só pode ser concebida em termos de uma conjugação de esforços que a todos, colectivamente, comprometa.

A evolução científica tende a esfumar as rígidas fronteiras clássicas da compartimentação do conhecimento, e cada vez mais tomam vulto e se fortalecem as ideias de inter e multidisciplinaridade. Até há pouco constituía quase título de nobreza científica o manejar de técnicas e o prosseguimento de atitudes que fossem bem específicas, e que, de modo algum, se confundissem com

as dos não cultores do mesmo ramo. Hoje, e com vantagens evidentes, vemos esse caminho ser consistentemente abandonado.

São os investigadores em linguística, que adquirem também uma formação matemática para o estudo da entropia das línguas; são os arqueólogos, que recorrem à química e à radioquímica para análise dos seus achados; são os matemáticos, que na lógica formal buscam elementos para o progresso do seu trabalho. Estes são exemplos, ao acaso, entre os muitos que se podiam apresentar.

O encontro entre universitários com formações básicas diferenciadas terá sempre resultados benéficos.

Algumas realizações se projectam, envolvendo a totalidade das faculdades, para que, com um trabalho em comum, se obtenha uma perspectiva mais geral e melhor informada. Infelizmente, a urgência de tarefas inadiáveis tem feito protelar a sua efectivação.

O Senado Universitário aprovou, com entusiasmo, uma proposta no sentido de se efectuar, ao nível da Universidade de Lisboa, um seminário de pedagogia e didáctica, onde se analisassem os problemas genéricos, decorrentes da orgânica do ensino universitário e dos seus objectivos.

Foram dados os primeiros passos e prossegue-se na sua organização.

Fácilmente se reconhece, ao analisar a situação, que todas as faculdades, se têm, por igual, objectivos culturais e científicos, exibem, no entanto, nítida diferenciação quanto aos profissionais que preparam.

Esta simples dualidade, formação científica e preparação profissional, justifica uma profunda análise dos objectivos e dos meios de acção.

Seria extremamente perigoso que a universidade se limitasse à imediata preparação de profissionais competentes, a nível superior. Mas é evidente que se não pode alhear desta função.

Os profissionais por ela graduados têm de estar basicamente habilitados a proceder ao desenvolvimento e à actualização futura dos seus conhecimentos, de modo a poderem acompanhar os progressos e sucessivas inovações no seu campo de acção.

A escola que os forma adquire responsabilidades nesse sentido.

Não só porque os deve treinar no anseio do contínuo aperfeiçoamento e actualização, como tem de estar apta a proceder à educação permanente,

através de cursos de pós-graduação e reciclagem. São actividades com objectivos diferentes, por vezes não muito claramente compreendidos.

Num curso de pós-graduação são tratados assuntos ou desenvolvidos temas, além do nível praticado até à graduação. São, de regra, frequentados imediatamente a seguir, destinando-se essencialmente à formação de especialistas, com preparação específica e de nível mais elevado.

Poderão fazer parte da habilitação para doutoramento, em complemento da elaboração de uma tese original, envolvendo trabalho de investigação, mas nunca se podendo constituir em substitutos desta.

A reciclagem tem, na sua aparência, pelo menos, objectivos mais modestos. Fundamentalmente, consiste na realização de uma educação permanente e permitirá o regresso à escola, para aquisição das actualizações entretanto praticadas.

Há, no sector da preparação profissional, um aspecto de particular relevância: é a universidade que está cometida a formação dos professores para todos os graus de ensino, excepção feita aos mais elementares.

Constitui-se, assim, um processo de realimentação

de todo o sistema escolar, que acarreta para a universidade responsabilidades particulares, no respeitante à garantia do seu funcionamento global.

Interrogamo-nos sobre se essa ocupação não desvia energias, em termos de meios disponíveis, necessárias para outros fins, possivelmente mais consentâneos com objectivos estritamente ligados aos fins próprios da universidade. Numa economia de processo, a utilização de meios excessivos, em relação aos fins a atingir, conduz necessariamente a um baixo rendimento.

Depois de uma preparação científica básica, a nível superior, escolas especiais, de carácter profissional, estariam melhor apetrechadas e sectorialmente orientadas para se poderem ocupar da preparação efectiva dos professores, em número suficiente para garantia de funcionamento do sistema escolar.

Senhor Director

Senhores Subdirectores

Não são isentas de trabalhos e de preocupações as funções que ora iniciais. Os que delas se ocupam têm de ser homens movidos por uma

permanente insatisfação e por um elevado sentido das responsabilidades. Serão universitários, que não esperam outra compensação além da de estarem a colaborar, em lugar diferenciado, numa obra da maior transcendência de que, em muito, depende o futuro do País. Sempre foi honra o ser-se colocado em lugares que só oferecem camseiras e trabalhos, quando umas e outros estão ao serviço do bem comum.

Não se vos pede mais do que aos outros que na universidade trabalham.

Só se espera e deseja que todos cumpram a sua missão.

Sois agora mais observados, por ser mais destacado o lugar.

Por certo tenho que nunca vos faltará a colaboração e o apoio dos vossos pares e de todos os que as vossas faculdades integram.

Com isso muito se pode fazer. Sem a cooperação esclarecida, mas armados, só, com a dúvida descrente, será melhor desistir.

Sabeis bem que a colaboração do reitor nunca vos faltará, como nunca foi regateada aos que vos antecederam ou que noutras faculdades desempenham iguais funções.

Tereis, agora, a vosso cargo certo peso de tarefas ditas administrativas. A administração tem de ser

necessariamente o espelho e o numerável da vida das escolas. Nenhum docente a essas tarefas se pode furtar, embora os lugares de direcção as tornem mais vultosas.

Rejeitamos liminarmente a ideia de que a administração universitária possa ser desempenhada, totalmente, por pessoal com uma preparação exclusivamente administrativa. A natureza própria dos problemas, complexa, muito especializada e por vezes subtil, exige uma capacidade de decisão esclarecida e uma soma de informação de que só os profissionais do ensino e da investigação estão possuídos.

Correndo, embora, o risco de exhibir lugares-comuns, atrevo-me a afirmar que os problemas de organização que se vos deparam exigem soluções qualitativamente perfeitas, condicionadas por um conhecimento circunstancial específico.

Por exemplo, a distribuição do pessoal docente, numa escola, não se reduz ao simples exercício do preenchimento de um quadro, mais ou menos bem elaborado, como acontece noutras organizações, onde o problema pode ser encarado exclusivamente por via quantitativa.

Só profissionais do ensino estão aptos a resolver estas e outras questões de natureza idêntica, ao

serviço de uma instituição que queremos válida e consciente das suas responsabilidades.

De tanto se ouvir repetir, somos, por vezes, tentados a acreditar, por via de uma análise apresada e menos reflectida, que estamos a trabalhar numa instituição já incapaz de cumprir a sua missão e de se renovar para a cumprir melhor. Se enfileirássemos nesse número, só nos restaria desistir e lamentar o tempo perdido.

Somos dos que creem na universidade e na sua capacidade de actualização. Ainda não encontramos instituição que a substitua, com vantagem, em relação aos objectivos superiores que a informam.

Existem importantes institutos de investigação, que têm realizado trabalho notável, em sectores específicos, especialmente de carácter tecnológico, mas o avanço fundamental do conhecimento e a actividade cultural é ainda nas instituições universitárias que têm a sua sede. É nelas que se mantêm vivo o sentido de criatividade que as define e caracteriza, qualificando o seu ensino de forma única.

Ter-se-á atingido um ponto de esterilidade quando tal não puder ser cumprido. Nesta universidade

estamos dispostos a cumprir com estes objectivos e a lutar para conseguir as condições necessárias para que o esforço não seja vão.

Neste momento, na nossa universidade foram abertos ou estão em vias de o ser, a curto prazo, concursos para o preenchimento de todos os lugares vagos. Para alguns apresentaram-se cinco candidatos, o que constitui demonstração de interesse renovado pela carreira universitária, que aqui deve ser devidamente destacado.

Casos há, pelo contrário, em que nenhum candidato se apresentou, em consequência de circunstâncias específicas, mas a simples abertura dos concursos, e a atitude que envolve, constitui motivo de encorajamento, nesses sectores.

Iniciaram, em 1971, as suas funções nas diferentes faculdades 117 assistentes eventuais; 97 aí se mantiveram e, ao fim de dois anos, passaram a assistentes. O número de professores auxiliares, ou equiparados, que iniciaram actividades no ano transacto foi de 16, correspondendo esta categoria, já a pessoal permanente.

Se mais não houvesse, estes eram, por si, sinais seguros de renovação.

Professor Doutor Almeida Costa
Director da Faculdade de Ciências de Lisboa

Discurso proferido
no acto de posse
em 17 de Março de 1972